

Carolina Maria de Jesus: a escrita de si

letrônica

Christiane Vieira Soares Toledo¹

Os estudos atuais acerca das narrativas de autoria feminina nos colocam à frente de uma realidade já diagnosticada na Literatura: a marginalização da escrita feminina. Durante muito tempo, a partir das manifestações feministas, tenta-se resgatar as obras produzidas por mulheres para que possam ser lidas, analisadas e integradas ao cânone de leitores comuns e estudiosos.

É sabido que as mulheres escreveram tanto quanto os homens; entretanto, muitas obras escritas pela pena feminina não foram publicadas e acabaram se perdendo no intervalo de tantos anos, não sendo inseridas nas historiografias literárias. Sendo assim, foram relegadas ao silenciamento literário. A sociedade patriarcal sempre manteve a mulher no setor privado, enquanto o homem se aventurava na esfera pública, livre para exercer todas as funções que desejasse. Por essa razão, as mulheres não escreviam publicamente, e quando eram descobertas às voltas com a escrita pelos seus cônjuges e familiares eram punidas severamente. Assim, tornou-se difícil instituir um corpus de escritoras; e, evidentemente, contar com a análise da crítica literária feminista, por ser esta ainda muito jovem.

Segundo Zolin (BONNICI, 2005.), a partir de 1970, surge uma crítica feminista bastante densa e faz erguer-se uma tradição literária feminina antes ignorada pela história da literatura, com o intuito de resgatar os escritos feitos por mulheres, desestabilizando as máximas canônicas. As primeiras críticas literárias começaram essa revolução analisando textos masculinos, verificando o modo como representavam a mulher. Simone Du

¹ Mestranda em Teoria da Literatura PUCRS/CNPq.

Beauvoir² foi umas das pioneiras no estudo, que faz parte da primeira fase da crítica feminista denominada *Androcêntrica*. Esta abordagem ganhou novas fases avançando no estudo sobre literatura feita por mulheres, passando pela *Ginocrítica*³ de Showalter até chegar à fase *female*.⁴

Atendo-me à fase *female*, resgato a escrita feminina e polêmica de uma mulher que se tornou escritora: Carolina Maria de Jesus; esta certamente ilustra com maestria a discussão que lanço neste artigo: a escrita de mulheres. Com a intenção de analisar não só a visão de mundo marginal, no qual Carolina estava inserida, mas também o olhar maduro e moderno de mulher independente no panorama da literatura, proponho a discussão acerca da recepção da obra desta a autora, a fim de verificar as modificações dos padrões da Literatura Brasileira. Enfatizando a primeira obra publicada dessa escritora, *Quarto de despejo*,⁵ é perceptível a maneira como a autora revela a sua força de voz feminina e marginal em todos os sentidos: étnicos, sociais e de gênero; ou seja, rompe com todas as barreiras sociais e chama a atenção do *público erudito* para as favelas brasileiras. Carolina encontrou muito mais que uma forma de expressão, com seu discurso ácido e realista atingiu diversos estratos sociais, “ascendendo” através da literatura, modificando a sua história pessoal e a Literatura Brasileira. Saída da favela do Canindé, em 1958, a catadora de lixo, mãe solteira de três filhos, de pais diferentes, acreditou num sonho: a escrita. O que escreveria uma mulher negra, miserável, sozinha no mundo, semi-analfabeta senão a sua própria história? O que ela buscava na escrita? Optou por narrar a sua luta diária e quase infinita nas páginas de um diário; o seu *diário de favelada*.

Apesar de muitas adversidades terem barrado o caminho dessa mulher, algumas delas teriam sido decisivas para que se afastasse das “letras”, – fome, moradia, instrução, ambiente inapropriado para a produção escrita, –, entretanto, nada fez com que ela

² Simone Du Beauvoir foi seriamente criticada mais tarde, por tomar as obras de autoria masculina como objeto de estudo a fim de analisar a representação da mulher na literatura. Entretanto, não se tinha conhecimento de um número considerável de obras de autoria feminina para serem examinadas.

³ De acordo com Funck, essa fase fora batizada por Elaine Showalter, crítica literária americana que se dedicou ao estudo da literatura feminina abandonando o texto masculino. Foram repensadas as teorias utilizadas para as análises literárias até então; o objeto de estudo havia se modificado, logo, a crítica elaborou novas visões teóricas.

⁴ Fase que aborda a questão das mulheres numa perspectiva de descoberta de si como autoras; além disso, lançaram mão do padrão estético vigente (masculino), e introduziram ideias próprias nos seus escritos.

⁵ Trata-se um diário autobiográfico que revela a vida na favela, as más condições de higiene, a fome, a miséria, o descaso social e político; narrado em primeira pessoa, Carolina se coloca como autora, narradora e personagem. Publicado pela editora Francisco Alves, em 1960 na cidade de São Paulo.

desistisse do seu propósito. A escrita era como um elo entre o mundo de Carolina e o mundo letrado-burguês. Carolina se imortalizou através do seu texto, apresentando belas passagens líricas, de crítica social e consciência política. Assim comprovou sua existência diante da sociedade e do universo literário.

A originalidade foi o ponto mais alto da literatura que produziu. Não necessitava de mais nada, apenas da coragem para relatar todos os dias tristes da sua vida. Sua qualidade de escrita não está no uso gramatical impecável, fator cobrado por muitos de seus críticos, mas sim, na sua visão de mundo avançada para a sua classe e época. Ainda hoje, ano em que comemoramos os cinquenta anos de publicação de *Quarto de despejo*, não sabemos dizer o que causou mais impacto nas suas narrativas, se fora a atitude ou a linguagem, sobretudo na obra inicial. Acredito que ambas se completam, pois Carolina pertenceu a um meio que a excluiu por ser letrada e apreciar as artes; e, ao mesmo tempo, não se encaixava na sociedade erudita pela sua história de vida, raça e audácia. Foi mulher de muita fibra, consciência racial, social. A partir da sua escrita levantou algumas bandeiras em prol das minorias, e isso se faz muito presente em seu texto.

Muitos intelectuais tentaram desvendar a sua forma de escrever, mas nenhum conseguiu captar exatamente toda a riqueza que sua obra traz. Em função disso, trago para esta breve análise algumas vozes críticas que se debruçaram sobre os escritos da escritora favelada com a intenção de mostrar a sua recepção no meio literário.

Segundo Meihy,⁶ Carolina é uma escritora especial não pelo que escreveu, mas pelo modo como o fez. Alguns dos críticos que analisaram o estilo da autora como algo original, precioso e relevante levaram em consideração a sua vivência empírica, como Elódia Xavier: “É mal escrito, sim; mas a própria incorreção linguística faz parte de um encontro de opressão e carência e deve ser lida como integrante do mundo marginalizado.” (XAVIER, 2002). Entre os críticos da linguagem de Carolina, alguns não lhe atribuem o discurso por achá-lo articulado demais para a sua experiência, e assim o concedem ao jornalista Audálio Dantas:⁷

⁶ José Carlos Sebe Bom Meihy é professor no curso de História na UFRJ, grande estudioso e crítico da obra de Carolina Maria de Jesus.

⁷ Audálio Dantas: jornalista que “descobriu” Carolina Maria de Jesus na favela do Canindé, em meados de 1955, quando cobria uma reportagem no local. Apoderou-se dos escritos da autora, com a promessa de publicá-los. Em 1960, publicou *Quarto de despejo*, realizando alguns cortes nos relatos, fato esse que faz com que muitos lhe atribuam a autoria da obra. Aproveitou-se da fama do primeiro livro da autora para ganhar

Tudo indica que a editoração de Audálio Dantas foi muito além da “excessiva presença” que admite na preparação do texto. Cortes, seleções, vocabulário e até, penso eu, notações inteiras, sugerem que é tempo de lhe restituir autoria do “diário de uma favelada” (...).
(MARTINS, 1993)

Outros dizem que seus livros foram mascarados com prefácios de personalidades literárias para que se tornassem vendáveis:

Os dois livros, de tanto não se sustentaram por conta própria, saem a público cercados de preâmbulos , prefácios e pós-fácios necessários – de José Carlos Sebe Bom Meihy, Robert Levine e Marisa Lajolo. Mas nenhum esforço é capaz de transformar em qualidade poética os clichês de forma e conteúdo, a rima fácil e o simplismo dos versos de Carolina, como reconhecem os próprios prefaciadores. (FELINTO, 1996).

O jornalista Roberto Damatta acredita na qualidade da obra de Carolina, e sai em sua defesa alegando que esta teve imensa importância para a sociedade:

Esta pobre negra realizou um feito único na sociologia da pobreza mundial: escreveu sobre o seu dia-a-dia, objeto miserável, cru, doente, louco, marginal, revoltante e socialmente doentio. Esse cotidiano capitalista que desde os escritos de Marx, se deseja inutilmente humanizar. (DAMATTA, 1996).

Sousa afirma que aos que dizem que Carolina escrevia mal ou não tem valor literário, é recusar a leitura de dupla entrada proposta por Candido; devendo levar em consideração como autobiografia ou heterobiografia, a escrita de si e a escrita do mundo. Controvérsias a parte, quando se fala em Carolina muitos aspectos vêm à tona. Tudo causa incômodo em sua escrita; não há como ficar imune diante de suas palavras. Mas não foram apenas as palavras que perturbaram, e sim a sua figura que assombrou a tantos literatos, leitores e à sociedade; sua face de mulher decidida, inteligente e questionadora.

Como alguém que não tem dinheiro para comprar um par de sapatos para um filho no dia do aniversário, tendo de remendar os que encontrou no lixo, pode sensibilizar de maneira positiva ou negativa, tantos intelectuais com esta sua literatura. Algo de muito forte e preciso está entre essas linhas; talvez seja a escrita de si como mulher, negra, favelada e mãe. A sua forma de pensar *female* registrada em papel, vendida para todo o país revela não só a miséria material, mas um mundo onde todos são capazes, inclusive as mulheres.

status na profissão, pois era um repórter iniciante e depois do lançamento dessa autora ascendeu profissionalmente.

A postura de mulher auto-suficiente sempre foi reprimida em diversas sociedades, classes e culturas, atrapalhando o discurso até mesmo de outras escritoras *mais ilustres* da nossa literatura. Carolina não teve medo de se expor e sustentar sua fala desvalorizada. Sabia a razão de sua escrita e deixa evidente, no excerto abaixo, aonde pretendia chegar:

10 de junho

(...) Fui ao parque buscar a Vera. E mostrei-lhe a revista.

Eu fui comprar meio quilo de carne. Quando voltei para a favela passei mo empório do Senhor Eduardo. Mostrei a revista para os operários do Frigorífico. O João me disse que o Orlando Lopes, o atual encarregado da luz, havia me chingado. Disse que eu fiquei devendo 4 meses. Fui falar com o Orlando. Ele disse-me que eu pois na revista que ele não trabalha.

–Que história é essa que eu fiquei devendo 4 meses de luz e água?

–Ficou sim, sua nojenta! Sua vagabunda!

–Eu escrevo porque preciso mostrar aos meus políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter.

(...) (JESUS, 1960, p. 150-151).

O desprestígio em relação à obra de Carolina ocorreu, inclusive, dentro da favela pelo fato de ela ser, naquele momento, uma das únicas moradoras alfabetizadas que lá residiam. A narrativa temperada com seu olhar crítico assustou muitas pessoas, fazendo com que o seu diário se tornasse uma ameaça para os que residiam no Canindé. Esse fator, mais tarde, corroborou para o esquecimento e silenciamento da autora diante do grande público; sua obra não atingiu as *grandes massas*, – no Brasil–, mas sim chegou aos acadêmicos. Em função disso, a autora não conseguiu consolidar-se no cenário literário brasileiro, e nem entre os leitores populares, mesmo com o lançamento de outras narrativas, o que a levou novamente à miséria.

Mais surpreendente é saber que a autora não teve espaço e apoio nem mesmo entre as outras escritoras. A classe de *mulheres escritoras* não se uniu para defender parte das idéias que expunham em suas respectivas literaturas, e que ao seu modo, Carolina também abordava:

Dia 19 eu fui na festa da escritora Clarice Lespector que ganhou o premio de melhor escritora do ano com seu Romance “Maça no escuro”. A recepção foi na residência de Dona Carmen Dolores Barbosa. Tive a impressão de que a Dona Carmen não apreciou a minha presença. Eu fiquei sem ação. Sentei numa poltrona e fiquei.

As madames da alta sociedade iam chegando. E eu cumprimentavam (...) graças a Deus não fui fotografada. Já estou saindo dos noticiários. Não compareci na sala onde Clarice estava. Não a vi. Não lhe cumprimentei. Serviram refrescos e

comestíveis as 23 horas. Retornei a casa pensando no dinheiro que gastei pintando as unhas e pagando conduções. Dinheiro que poderia guardar para comprar o pão e o feijão para os meus filhos. (JESUS, 1996. P. 201).

A autora foi relegada por seu próprio grupo: mulheres que se posicionavam em prol da sua autonomia nas respectivas literaturas. O que houve com as colegas de escrita da ex-catadora que não a reconheceram como uma ovelha do rebanho feminista; não compreenderam a sua razão de querer estar incluída nesse universo que não lhe pertencia? A linguagem fragmentada era também lírica e provocadora de inúmeras sensações, nem tanto primitiva como denotavam; era cópia da literatura vigente, que abria caminhos para o sucesso. Carolina sabia que a única maneira de adentrar nas dependências literárias seria pelas portas da frente, e para isso precisava ser “letrada”. Logo, usou de um artifício, um tanto parnasiano, mas o conteúdo era o grande astro da narrativa da favelada. E que mal há nisso? Que escola literária não buscou embasamento estilístico, e até, contedístico como referência para as futuras produções?

A obra caroliniana sempre teve somente uma aliada: a verdade marginal. Independente do gênero literário que se dedicava a escrever, a autora usava como fonte alimentadora a sua vivência empírica e as situações às quais estava acostumada a presenciar. Em certos escritos, não se sabe até que momento temos autora, narradora e personagem; todas falam em uníssono de um lugar designado baixa sociedade, onde a mulher é submissa ao homem ou ao meio social. Essa realidade relatada na obra da favelada revela a maneira como era tratada, no Canindé, por seus vizinhos que não aceitavam sua condição de mulher sem ter a proteção matrimonial. Dessa forma, foi invisível e indesejável nas demais localidades da cidade, tendo utilidade apenas para catar papel e limpar o espaço ao qual não pertencia: a cidade jardim. Sem amparo na comunidade onde vivia a escritora não encontrava chão amistoso para se instalar com seus filhos sem abrir mão da sua autonomia.

Pensava, ingenuamente, Carolina, que a Literatura seria o espaço onde tudo poderia ser aceito e respeitado. A época era a dos *anos dourados* e o progresso estava a bater na porta de grande parte da população brasileira – ou pelo menos assim se dizia –, tempo de renovação em todos os aspectos. Carolina também renovava a literatura caduca de vanguardas européias, que pouco tinham a ver com a identidade da nação brasileira; e com

seu discurso forte, decidido e próprio resolveu falar dos oprimidos, dos miseráveis, dos esquecidos, dos negros, das mulheres abandonadas e/ou espancadas pelos maridos, das mulheres sem marido. Falava apenas do que conhecia, sem ter de idealizar.

Representou a si mesma com veracidade, declarando seus anseios, angústias, desejos, medos da forma mais real e possível dentro de seus limites e conhecimento. Por mais que retomasse traços da alta literatura, imitasse o vocabulário rebuscado e até mesmo certas imagens poéticas, tinha inegavelmente, um toque todo seu: a escrita da realidade. Escrevia e descrevia o real extrapolando as barreiras ficcionais e verossímeis postas pela literatura de alto escalão; revelava o extra-literário; revelava a si. Assim criou um modelo literário, readaptando a literatura autobiográfica, surpreendendo aqueles que a taxavam de anacrônica, quando, na verdade, criava algo novo.

Carolina encontrou no gênero autobiográfico uma maneira de denunciar, relatar a sua condição, e assim escreveu o que estava incrustado em si. Dissertou com os argumentos que a vida lhe ofereceu. Por este motivo, por ter tido um perfil tão distinto dos demais escritores da época, não coube nos parâmetros literários daquele momento histórico, e continua sem lugar na historiografia da atualidade. Carolina foi escanteada não só pela sua origem, e demais características minoritárias, mas pelo seu estilo autoral; escolheu, sobretudo, o gênero autobiográfico, que sempre foi visto como *gênero menor*.⁸ Além disso, sua temática se voltava para a realidade social das minorias acabava com as concepções de progresso popular dos *anos dourados* de JK.

Mas o que fazer quando se tem algo problemático, podre e triste descrito sob os menores detalhes e saber que tudo foi real, e ainda ocorre, no bairro ao lado, na nossa cidade, no nosso estado e país? A reação é esquecer, abafar o que parece não ter solução, principalmente quando notificado por alguém desautorizado. Baseando-se nos estudos de Meihy descobre-se que Carolina fez Literatura de negros, escritura feminista, provou a opressão social e a negligência dos direitos humanos; colocou-se como exemplo vivo da diferença. Mas, só ganhou em troca as alcunhas de louca, sem razão, sem voz, sem autonomia para a função escrita. Porém, no exterior, foi surpreendentemente sagrada como

⁸ Brunetiére decreta fim ao gênero autobiográfico por julgá-lo infantil, não-elaborado, marginal e doente. Um século depois de Rousseau e, um antes do nosso, a crítica francesa engessa o gênero autobiográfico como “baixo”.

metáfora da resistência social, política e de gênero; *Quarto de despejo* foi traduzido para quatorze línguas e publicado em quarenta e um países.

A escrita de favorecimento das mulheres abre brechas para outro horizonte, até então não explorado, da condição feminina, trazendo a questão de ser mulher sob a ditadura patriarcal; mas, também, a desvantagem de gênero em termos sociais; reclamava a falta de pão, luz, água potável, silêncio, descanso após um dia de trabalho. Em suas narrativas não costumava maravilhar os homens e nem questioná-los, apenas defendia o seu ponto de vista que clamava reação por parte das mulheres faveladas:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja, Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e os meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que me preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (JESUS, 1960. P. 17-18).

Mencionando este trecho de *Quarto de despejo*, procuro mostrar as tantas arestas que o texto de Carolina propõe; cada frase tem sua riqueza de detalhes e sentidos, de forma que a ideologia da autora aos poucos vai se mostrando, e se transforma em palavra registrada. Carolina foi herdeira de uma visão de comportamento do Estado Novo, que apresentava como ideal ao povo uma vida sem vícios, com muito trabalho e decência. E esses dogmas aparecem no seu discurso, mesclados com a posição feminista de gerir a própria vida; a necessidade feminina de ter *um teto todo seu e quinhentas libras mensais*.⁹

Ao contrário do que muitos críticos postulam, a escrita de Carolina não tem apenas valor documental, mas também literário, pelo caráter de denúncia, lirismo e testemunho. Além das expectativas comuns que um diário pode proporcionar a um leitor, está contida na sua obra primeira a escritura da vida, as marcas vitais de uma brasileira que escreveu com paixão a sua história de vida. Conhecida também como escritora do lixo, a partir de sua morte em 1977, inspirou alguns estudos acadêmicos de resgate historiográfico e literário, que visavam divulgar suas obras no cenário nacional e internacional. A *escritora vira-lata*, tal como muitos a chamavam, pensava que sendo “poeta”¹⁰ teria um aval para a

⁹ Alusão à obra *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf.

¹⁰ Carolina se considerava uma “poeta” no sentido de que podia escrever, inventar metáforas para dizer o prosaico; assim se autodenominava.

responsabilidade de escrever e publicar, mas seria sempre um ser amargurado devido a sua capacidade crítica.

Calada, silenciada, ridicularizada, diminuída, não teve sua força de expressão sequer imitada por outros autores, tamanha a sua aptidão de ver o mundo e ampliá-lo em palavras certas. Não foi sua obra que ficou aquém da Literatura Brasileira; foi a Literatura Brasileira que ficou pequena para acomodar o legado de Carolina. Lajolo comenta o fato de, até então, não haver leitores competentes para analisar e compreender as obras da favelada, e concordo com essa opinião:

Se a oscilação entre registros de linguagem e opções políticas faz sua obra (de Carolina) e sua militância soarem em falso – Sorry, leitores! –, não de se criar os olhos de ler uma poesia como esta, que dá ortografia e sintaxe à militância e ao feminismo, e aponta para uma cidadania dilacerada em todos os territórios, em todos eles insuficientes para levar a cabo um projeto canônico de produção literária. (LAJOLO, 1995, p. 33).

A obra de Carolina continua sedenta de público, embora a temática continue atual. No final, ela mesma tinha razão a seu respeito: era “poeta”; e poeta, não são somente os que andam entre a gente fina e de luvas brancas.

Referências

BONNICI, T. Zolin. Lúcia Osana (org). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2005.

DAMMATA, Roberto. *Carolina, Carolina, Carolina de Jesus*. São Paulo: Jornal da Tarde, 11 de novembro de 1996.

FELINTO, Mariliene. *Clichês nascidos na favela*. In: Caderno Mais. Folha de São Paulo. São Paulo: 29 de setembro de 1996. Arquivos Folha de São Paulo.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 7 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. Org. Robert Levine; José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia Pessoal*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

LAJOLO, Marisa. *A leitora no quarto dos fundos*. Leitura: teoria e prática. Campinas: Mercado Aberto, 1995.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Ed. Seuil, 1975.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.255, jul. 2010.

MARTINS, Wilson. *Pontos de vista: crítica literária*. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1993.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de 'Quarto de despejo'*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2000. 336p. Tese.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. Brasília: Instituto de Letras. Departamento de Teoria Literária e Literaturas/UnB, 2004. P. 262. Tese.

XAVIER, Elódia. *Quarto de despejo: literatura de testemunho?* In: ANAIS do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte, 2002.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Recebido em: 12 de junho de 2010

Aceito em: 11 de agosto de 2010

E-mail do autor: christiane.soares@acad.br